

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

AMANDA CAPELLI FLORINDO

**IMAGINÁRIO COLETIVO: O FEMININO E O
MASCULINO NA NARRATIVA DE *PETER PAN***

BAURU
2021

AMANDA CAPELLI FLORINDO

**IMAGINÁRIO COLETIVO: O FEMININO E O
MASCULINO NA NARRATIVA DE *PETER PAN***

Monografia de Iniciação Científica
apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação do Centro
Universitário Sagrado Coração, sob a
orientação da Profª Mª Valéria Biondo.

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de
acordo com ISBD

| | |
|-------|--|
| F637i | <p>Florindo, Amanda Capelli</p> <p>Imaginário Coletivo: O Feminino e o Masculino na Narrativa de Peter Pan / Amanda Capelli Florindo. -- 2021. 29f.</p> <p>Orientadora: Prof.^a M.^a Valéria Biondo</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em Licenciatura em Letras - Português/Inglês) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Literatura infantil. 2. Feminino. 3. Masculino. 4. Representação. I. Biondo, Valéria. II. Título.</p> |
|-------|--|

AGRADECIMENTOS

Há tanto para agradecer, mas vou me permitir focar apenas no essencial.

Agradeço imensamente à Carminha. Sem ela nada disso seria possível. A educação não me seria dada, meus escritos não seriam incentivados e os estigmas sociais não seriam questionados. Obrigada, minha mãe.

Agradeço de coração à dona Nina. Metade desses escritos é devido a herança que você nos deixou: saberes, coerência e muita força! Obrigada, minha avó.

Agradeço ao universo, ao Deus que me protege, que por vezes (mais do que posso contar) foi refúgio das minhas inseguranças e incertezas.

Agradeço com muito carinho e admiração à Valéria Biondo. O desenvolvimento dessa pesquisa só me foi possível por ter ao lado uma grande mestra, compreensiva e inspiradora. Obrigada, minha orientadora.

Agradeço às mulheres em minha vida, constantemente me inserindo em uma rede de apoio e compartilhando perspectivas, risos e ideais. Obrigada, minhas tias, minhas primas e minhas amigas.

A todos que, de alguma forma, participaram dessa jornada, seja por meio de incentivos calorosos, debate de ideias ou me servindo de inspiração. Que sempre possamos encontrar uma companhia para dividir os questionamentos sobre o imaginário coletivo.

“Lúcido deve ser filho de Lúcifer.
A faculdade de ver deve ser coisa do demônio.
Lucidez custa os olhos da cara.”
(Viviane Mosé)

RESUMO

O imaginário se inicia no início da vida, em meio às novas descobertas e as vivências que fazem parte do crescimento. A literatura se faz importante desde esse momento, sendo uma das artes primordiais para a vida humana, pois estimula o conhecimento, a curiosidade e, principalmente, a imaginação. É neste momento também que as concepções de certo e errado se iniciam, formando perspectivas cruciais para as decisões e visões ao longo da vida, incentivadas por ideias e pensamentos já concebidos em meio a esse momento de imaginação e criatividade que permeia a infância. As representações presentes nas narrativas infantis moldam o imaginário coletivo e a forma como o ser humano compreende os papéis sociais para além das páginas do livro. Dessa forma, o presente trabalho propõe uma análise sobre as figuras feminina e masculina em *Peter Pan*, obra literária de J. M. Barrie, com o intuito de compreender a perspectiva de representação da mulher e do homem na literatura infantil. Ressalta-se a importância de uma visão crítica acerca das representações presentes na obra, visando o contexto histórico-social em que a mesma foi contemplada e a forma como essa contextualização ainda impacta em sociedade.

Palavras-Chave: Literatura infantil. Feminino. Masculino. Representação. *Peter Pan*.

ABSTRACT

The imagination starts in the beginning of life, amidst new discoveries and experiences that are part of growth. Literature has been important since that time, being one of the primordial arts for human life, as it stimulates knowledge, curiosity and, above all, imagination. It is also at this moment that the conceptions of right and wrong start, forming crucial perspectives for decisions and visions throughout life, encouraged by ideas and thoughts already conceived in the midst of this moment of imagination and creativity that permeates childhood. The representations present in children's narratives shape the collective imagination and the way human beings understand social roles beyond the pages of the book. Thus, this work proposes an analysis of the female and male figures in *Peter Pan*, a literary work by J. M. Barrie, in order to understand the perspective of the representation of women and men in children's literature. It emphasizes the importance of a critical view of the representations present in the work, aiming at the historical-social context in which it was contemplated and how this contextualization still impacts society.

Key words: Children's literature. Female. Male. Representation. *Peter Pan*.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2. MATERIAIS E MÉTODOS..... | 10 |
| 3. RESULTADOS OBTIDOS..... | 11 |
| 3.1 O autor e a obra..... | 11 |
| 3.2 O contexto histórico..... | 14 |
| 3.3 O imaginário coletivo e a representação de gênero..... | 16 |
| 3.4 Personagens simbólicas..... | 20 |
| 3.5 Para além da narrativa de J. M. Barrie..... | 24 |
| 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 26 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| REFERÊNCIAS..... | 28 |

1. INTRODUÇÃO

O imaginário se inicia no início da vida, em meio às novas descobertas e as vivências que fazem parte do crescimento. A literatura se faz importante desde esse momento, sendo uma das artes primordiais para a vida humana, pois estimula o conhecimento, a curiosidade e, principalmente, a imaginação. É neste momento também que as concepções de certo e errado se iniciam, formando perspectivas cruciais para as decisões e visões ao longo da vida, incentivadas por ideias e pensamentos já concebidos em meio a esse momento de imaginação e criatividade que permeia a infância.

Há quem se engane que a literatura infantil não seja uma grande arte, ignorando seus símbolos e o seu papel na construção do ser humano. À literatura, não se deve distinguir o superior ou inferior, tendo em vista que cada escrita se destina e encanta tipos específicos de leitores, contemplando símbolos e narrativas que trabalham o conhecimento e o desenvolvimento de ideias daqueles que se arriscam em suas páginas. Os símbolos encontrados na literatura infantil, tão enraizados nos clássicos denominados contos de fadas, moldam percepções e paixões, além de serem apreciados para o resto da vida.

O contato da criança com a literatura infantil pode ser tão marcante e determinante ao ponto de gerar perspectivas pessoais para aquele que lê ou, dependendo do quão pequenino for, escuta. E, ao dispor dessa característica marcante, a literatura infantil também atinge adultos, instigando um novo fluxo de pensamento em meio à revisão de narrativas e dando um novo olhar àquilo que se lê.

Entre essas concepções, avaliar e analisar os papéis de gênero dentro da narrativa se torna relevante para compreender as visões humanas acerca do feminino e do masculino, bem como quais características e traços de personalidade são designados como referência a esses papéis em sociedade. Na literatura infantil, a necessidade dessas análises corrobora com o já citado: o melhor entendimento sobre as concepções iniciais para as vivências e pensamentos dos indivíduos.

As representações valorativas, que não façam divergências entre os gêneros, são imprescindíveis para a construção da imagem dos seres humanos, em especial, a construção do feminino. Visto que estereótipos de gêneros podem

ser perpetuados por meio da literatura e se refletir em sociedade, a realização da leitura avaliativa nesses quesitos é o ponto de partida para o questionamento crítico dentro das narrativas infantis.

E de que forma a literatura infantil está moldando os seres humanos? Ou são os seres humanos que estão moldando a literatura infantil? São esses os questionamentos que nos levam a buscar a compreensão do mundo exposta no imaginário da narrativa, a fim de compreendermos as relações levantadas entre os seres humanos e o meio ambiente.

Portanto, a presente pesquisa busca analisar a representação da figura feminina e da figura masculina dentro da obra literária *Peter Pan*. Contempla ainda os seguintes objetivos específicos: compreender os papéis do gênero feminino e do masculino levantados em meio ao cenário descrito na obra; realizar um comparativo entre o perfil feminino e o masculino dentro da narrativa; identificar o contexto histórico-social que permeia a época de publicação da obra em análise; e comparar as representações de gênero na obra *Peter Pan* com o cenário atual.

A pesquisa justifica-se pelo melhor conhecimento em relação à temática da representação de gêneros na literatura. Por meio da obra literária *Peter Pan*, que aborda a figura feminina e masculina em um contexto social e cultural, se torna possível construir uma visão crítica desse segmento em sociedade. A partir disso, observa-se a necessidade de entender a forma como essa representação tem sido percorrida e de que forma ela tem impacto na leitura da obra. Portanto, as análises adquiridas poderão servir como reflexão sobre a construção social e a forma como é comumente representada, levantando concepções enraizadas na sociedade e explorando os avanços acerca das premissas de gênero.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia para esta análise consiste em explorar os papéis feminino e masculino dentro da literatura infantil, a fim de entendê-los melhor e descrever qual a forma com que estão sendo utilizados nestas narrativas por meio da representação de gênero. Para tanto, a obra literária eleita para esse estudo foi *Peter Pan*, assinada por J. M. Barrie e publicada em 1911.

Dessa forma, foi realizada a releitura do material bibliográfico previamente selecionado no projeto, bem como a análise e o fichamento do mesmo, contemplando obras que propiciassem estudos acerca do cenário histórico-social em que Barrie realizou sua escrita, da representação do feminino e masculino em sociedade e das características das personagens presentes na obra *Peter Pan*. Assim sendo, a leitura das obras *Histórias da Vida Privada* (1991), de Michelle Perrot, *Mulheres, Mitos e Deusas* (2019), de Martha Robbles, *Feminismo em comum* (2018), de Marcia Tiburi, *Por uma literatura sem adjetivos* (2012), de María Teresa Andruetto, e *A Mística Feminina* (2020), de Betty Friedan, proporcionaram subsídios para a análise do romance no que diz respeito à luz da mentalidade que envolvia o feminino e o masculino nos séculos 19 e 20.

Posteriormente, demos início à organização dos dados obtidos, a fim de aprofundar as avaliações e perspectivas acerca dos papéis de gêneros dentro da narrativa e, assim, dar início à análise que o trabalho propõe, que é analisar a representação do feminino e do masculino em meio à literatura infantil.

3. RESULTADOS OBTIDOS

3.1 O autor e a obra

Nascido na Escócia em 1860, James Matthew Barrie se formou em literatura pela Universidade de Edimburgo e fixou carreira como um grande escritor, em especial com sua obra *Peter e Wendy*, mais tarde renomeada de *Peter Pan*. Comumente conhecido como J. M. Barrie, o autor da Terra do Nunca publicou seu primeiro romance em 1887, intitulado *Better Dead*, mas foi em 1888 que foi reconhecido por seu trabalho com a coletânea de esquetes *Auld Licht Idyllis*, onde retratava situações acerca da Escócia rural no século 19.

Na infância, Barrie teve de lidar com o falecimento do irmão David, que veio a óbito após um trágico acidente de patins. Segundo Silva (2012, p. 07), “Esta fatalidade iria marcar o pequeno Jamie para sempre. De certa forma, David ficou na imaginação de James como um menino que nunca chegou a crescer...”, o que é tido como uma alusão a seu maior personagem: Peter Pan. É este que dá o nome à sua narrativa mais popular, a qual revela a história de três irmãos

que no meio da noite são surpreendidos por um menino chamado Peter Pan e sua fada Sininho vindos da tão sonhada Terra do Nunca, um lugar onde as crianças nunca crescem e as aventuras são fantásticas. Animados com a ideia de diversão e magia, os garotos partem voando para este novo local com a ajuda do “pó de pirlimpimpim” da fada Sininho.

Ao chegarem na Terra do Nunca, além de muitas brincadeiras e dos meninos perdidos que são liderados por Peter Pan, os irmãos se deparam com o Capitão Gancho, um pirata vilão que constantemente entra em confronto com Peter e os meninos. No entanto, com o passar do tempo, Wendy, a irmã mais velha, nota que pouco participa das aventuras e destina seu tempo a cuidar da casa e dos meninos, percebendo também que ela e os irmãos estão aos poucos perdendo as lembranças amorosas sobre os seus pais. Até descobrirem o caminho de volta para a casa, Wendy e seus irmãos vivem muitas aventuras ao lado de Peter Pan e os meninos perdidos e grandes confusões com o Capitão Gancho e sua trupe de piratas.

De fato, ao analisar a cronologia das obras de Barrie, é possível notar a presença do menino que não queria crescer em muitos de seus escritos, como é o caso de *The Boy Castaways of Black Lake Island* (Os meninos náufragos da Ilha do Lago Negro), compreendido como o primeiro esboço de Peter Pan e que hoje é exposto na Biblioteca Beinecke de Livros Raros e Manuscritos em New Haven, Connecticut. Silva (2012, p. 08) explica que “O livro é cheio de fotos com as brincadeiras dos irmãos Llewelyn Davies [filhos de um casal amigo do autor] e já menciona piratas, um cachorro, uma tenda, uma ilha e outros elementos que depois figurarão em Peter Pan.” Contudo, o personagem só ganhou vida no ano de 1902 em uma obra intitulada de *The Little White Bird* (O pequeno pássaro branco), nunca publicada no Brasil. Dois anos depois, em 1904, J. M. Barrie apresenta em Londres uma peça denominada de *Peter Pan, or The Boy Who Wouldn't Grow Up* (Peter Pan, ou o menino que não queria crescer). De acordo com Silva (2012, p. 08):

O sucesso foi tão grande e imediato que, no ano seguinte, uma versão da peça foi encenada em Nova York. Parece que a peça teve muitas versões não autorizadas, correndo o país. Em 1906, trechos do livro *The Little White Bird* são publicados sob o título *Peter Pan in Kensington Gardens*. (...) Finalmente, em 1911,

Barrie escreveu o livro em prosa chamado *Peter and Wendy* (Peter e Wendy), depois renomeado Peter Pan. A peça teatral encenada em 1904 só foi publicada em 1928.

Foi em 1930 que os leitores brasileiros conheceram Peter Pan por meio de uma versão adaptada do autor Monteiro Lobato, o qual mesclou traços da história original de Barrie com seus personagens do conhecido Sítio do Pica-pau Amarelo. Mas foi em 1953 que a história do menino que não queria crescer se tornou mundialmente renomada por meio da adaptação para os clássicos desenhos animados da Disney, dirigida por Clyde Geromini, Wilfred Jackson e Hammlton Luske. Em seguida, com Peter Pan e toda a turma da Terra do Nunca nas graças do público, a narrativa passou por diversas adaptações cinematográficas e é referência em obras de variados gêneros.

O clássico de J. M. Barrie contempla personagens variadas e levanta percepções inconscientes sobre os paradigmas sociais de gênero, tendo em consideração que os atos heroicos e aventureiros da trama são destinados ao masculino, enquanto ao feminino resta-lhe a posição materna e a necessidade de salvação. Com características marcantes, tais personagens protagonizam não só o enredo de Peter Pan, mas também as premissas sociais que são repassadas de geração a geração e comumente despertadas no imaginário infantil. Já ao início da narrativa, o leitor se depara com a construção da família Darling, formada por um casal heteronormativo e seus três filhos. O imaginário é incentivado quando, ao decorrer da leitura, descobre-se que a babá das crianças é uma cachorra chamada Naná. A família não faz parte da alta sociedade da época, nem tampouco possui grandes aquisições. Neste ponto, é inclusive possível de se ter uma visão da Sra. Darling, após decidir se tornar mãe, como uma mulher consumista, a qual o marido precisa intervir para não gastar todas as economias da família. O Sr. Darling, por sua vez, é um homem nervoso, orgulhoso e que tenta tomar as rédeas da casa.

Com relação às crianças, é nítida a inclinação de Wendy em cuidar de seus irmãos mais novos e dos meninos perdidos de forma afetuosa e materna, sustentando também os cuidados com a casa na Terra do Nunca, ao mesmo tempo que Peter e os meninos demonstram carecer desses cuidados e se importam apenas com as aventuras cotidianas. Diante disso, ao analisar os escritos de Barrie, nota-se que não somente o imaginário é instigado como

também noções estereotipadas sobre gênero, família e relacionamento. Em contrapartida, o personagem antagonista Capitão Gancho não é bem como os abomináveis vilões que se costuma encontrar nas narrativas, visto que o pirata é provido de tamanha sensibilidade e um medo terrível do crocodilo que o persegue após ter arrancado sua mão, revelando traços atípicos para uma personagem masculina deste porte.

Em ampla forma, as personagens criadas por J. M. Barrie despertam sensações e sentimentos ao leitor, visto que são únicas em sua contextualização imaginária e refletem partes da sociedade que precisam ser exploradas. Segundo Silva (2012, p. 09): “A caracterização que Barrie faz de cada personagem é riquíssima em detalhes. Nenhum deles é banal ou sem características originais.” É o que faz de Peter Pan uma obra tão autêntica.

Em vista dos pontos abordados, ressalta-se que a história foi concebida em um momento muito divergente do atual, no início do século 20. Portanto, se faz necessária uma análise contextual histórica e pragmática acerca dos costumes da época e as características das personagens.

3.2 O contexto histórico

Para analisarmos a contextualização dos papéis femininos e masculinos na obra, é necessário que façamos uma breve reflexão histórico-social acerca da época em que esta foi publicada. O ano de 1911 marcava o início do século 20, porém ainda mantinha fortes influências do século 19. Ao fazermos essa análise, é imprescindível notar as condições para a vida privada e a vida pública da época. Esta primeira caracteriza-se pelo lar e pela família, enquanto a esfera pública é marcada pelo social, pelo mundo e pela vida que acontece fora das paredes da sala. No século 19, à mulher estava destinada apenas a esfera privada, em meio aos cuidados com a casa, o marido e os filhos.

Segundo Perrot (1991, p. 27), neste período, “as mulheres eram tidas como a representação do privado, e sua participação ativa enquanto mulheres em praça pública era rejeitada por praticamente todos os homens”. A mulher era do lar e o homem era do mundo. Neste sentido, é interessante voltarmos para o motivo pelo qual o protagonista, Peter Pan, na obra de J. M. Barrie, pede à

Wendy que vá para a Terra do Nunca com ele. Na narrativa, Peter convida Wendy, inicialmente, para contar histórias aos meninos perdidos, porém mais à frente, Wendy se tornaria a mãe dos setes meninos perdidos e cuidaria da casa embaixo da árvore em que Peter e os meninos moravam.

Enquanto isso, Peter Pan se comporta como seriam os “chefes da casa”, vivendo suas grandes aventuras fora do lar, em meio aos rios e pântanos da Terra do Nunca. Quando era possível que Wendy participasse, estas aventuras eram um presente para ela. Segundo Perrot (1991, p. 70), “a masculinidade se baseava na capacidade do homem em atender às necessidades dos seus; a feminilidade de uma esposa e de suas filhas se fundava nas dependências”.

As dependências em Wendy careciam também de carinho, sendo notável ao longo da história que a menina está sempre tentando explicar ao garoto que nunca cresce o que significa ganhar um beijo. Este, por sua vez, expressa uma postura ingênua e não tão preocupada com esses aspectos, o que se torna uma divergência marcante entre os dois personagens. Ao mesmo tempo, temos a fada Sininho, que também se mostra apaixonada por Peter e enciumada com as aproximações de Wendy, elevando essa característica “romântica” nas personagens femininas da história. Quanto a isso, muito podemos compreender acerca das representações de gênero do período em questão. De acordo com Perrot (1991, p. 50):

Esta [a mulher] é representada como o inverso do homem. É identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é identificado por seu espírito e energia. O útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. (...)

Esta simbologia de fragilidade e falta de intelecto que permeava o sexo feminino era o que as destinava permanecer focadas apenas nos cuidados com o lar e os filhos. Associado a isso, na obra de Barrie, Wendy e Sininho estão sempre atrás de Peter e recebem a postura de cuidadoras e ajudantes ao longo da narrativa. Conforme Perrot (1991, p. 51) pontua, “a mulher se tornou o símbolo de fragilidade que devia ser protegido do mundo exterior (o público); tinha se convertido no símbolo do privado”. A vida que acontecia fora do cercado do lar,

onde as aventuras podiam ser encontradas não era disposta para a mulher. “Para as mulheres, a única ambição devia ser a de se tornarem boas esposas e boas mães”, acrescenta a autora Michelle Perrot (1991, p. 77). Ao ponto em que essas figuras femininas foram recebendo a chance de aparecer em ambientes públicos, ainda assim deveriam estar acompanhadas de seus pais ou maridos. A diversão feminina independente era inexistente.

No início do século 20, apesar das grandes manifestações femininas por direitos igualitários e a conquista à possibilidade de educação, determinadas premissas acerca da figura feminina ainda eram mantidas, incentivadas e perpetuadas pela sociedade. A autora Betty Friedan, em seu clássico do século 20, *A Mística Feminina*, relata como os estereótipos de gênero permaneceram – e permanecem – sendo divulgados e introduzidos na mente feminina.

Com os avanços da era tecnológica, os estereótipos sobre a figura feminina passam a estampar conteúdos televisivos e anúncios no rádio, ignorando o incentivo à educação e emancipação feminina e abordando chamadas que façam alusão ao mundo ideal da mulher dona de casa. Segundo Friedan (2020, p. 21): “Nos comerciais de televisão, as belas donas de casa ainda sorriam ao lavar louça”. Para as mulheres que se questionavam sobre as obrigações da vida privada, Friedan (2020, p. 23) acrescenta:

O problema era minimizado dizendo à dona de casa que ela não percebia como tinha sorte: era sua própria chefe, não batia ponto, não tinha nenhum estagiário querendo roubar sua vaga. E daí que não fosse feliz? Ela achava que todo homem era feliz? [...] Será que ainda não tinha se dado conta de como tinha sorte por ser mulher?

E, assim, a vida pública e seus prazeres se mantinham à disposição do masculino. E as aventuras da Terra do Nunca se mantinham à disposição de Peter Pan e dos meninos perdidos.

3.3 O imaginário coletivo e a representação de gênero

Ainda que se note os esforços dos movimentos sociais em desmistificar os conceitos entre feminino e masculino, transformando as concepções acerca

dos gêneros, é imprescindível analisar e avaliar os séculos de construção de uma narrativa que superioriza o homem e designa representações que são tomadas como inerentes aos sexos. A palavra “representação” é definida pelo Novo Dicionário Aurélio (1995, p. 1220) como: 01. Ato ou efeito de representar (-se), 02. Coisa que se representa, 03. Reprodução daquilo que se pensa. Com base no retrato social entre homem e mulher, desde os primórdios nota-se a chamada de divergências em afazeres, interesses e funções que determinaram o curso de ambas as representações. Segundo Robles (2019, p. 15):

Se aceitarmos o mito das metades exatas, a natureza foi provida de mulher e homem dotados de idêntica inteligência sobre atributos distintos; no entanto, em vez de explorar o potencial de suas respectivas diferenças, houve tempo suficiente para que executassem por sua própria iniciativa uma obra correlata à de fragmentação empreendida pela mão do deus. O homem, por exemplo, concentrou seu interesse em alguns aspectos da realidade, enquanto as mulheres ampliaram sua perspectiva a fim de considerar, de maneira simultânea, o imediato e o necessário a partir de sua função maternal – inclinada a proteger e desenvolver a vida –, na qual fincavam seu sentido de ser.

Com isso, a mulher torna-se um ser pautado em pureza, obediência e cuidados maternos, ao passo que o homem é traçado pela ideia de força, decisão e coragem. Tais noções são compatíveis ao âmbito em que são destinados: o homem ao mundo e a mulher ao lar, construindo os estereótipos que são perpetuados até os dias atuais. Segundo Gutiérrez (1985, p. 104), “Os estereótipos podem servir de alibi à acomodação ou ao medo de perder as gratificações ou pseudogratificações que o sistema confere para perpetuar a cumplicidade com a opressão”. Por esse motivo, pouco se fala sobre o racional feminino ou a sensibilidade masculina, pois tais premissas escapam do esperado social e abrem margem para novas visões coletivas. Quanto a isso, Robles (2012, p. 17) complementa:

No eterno combate entre os atributos relativos a cada sexo, a hostilidade aumenta em consequência das contradições. Desse modo, afligidos pela obsessão de poder e não poder, os homens guerreiam das formas mais diversas e se concentram em uma única tarefa, seja prática ou racional. As mulheres, por sua vez,

continuam a expressar sem grande alarde sua aptidão para preservar a vida como uma figura divinizada, a menos que se deixem empolgar por perversões que as desviem de seu compromisso.

Crescente dentro de um sistema patriarcal, onde o homem recebe uma posição de superioridade e liderança naquilo que tange o ambiente político, econômico, social e religioso, as discrepâncias entre o feminino e o masculino tendem a prorrogar e circular em sociedade, seja por meio da fala, da leitura ou da ação. Na literatura, muito tempo se passou até que as mulheres pudessem dar vida a seus próprios pensamentos e palavras. De acordo com Tiburi (2018, p. 48):

Se observarmos o lugar das mulheres na formação dos textos que fazem parte da história será mais fácil entender isso. Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. Tudo o que sabemos das mulheres primeiro foi contado pelos homens.

Sustentadas pelo patriarcado, tais diferenças de gênero se firmaram ao ponto em que um duelo de características foi imposto ao homem e à mulher e a relação entre ambos os sexos foi ponderada apenas mediante a sexualidade e o matrimônio. Tiburi (2018, p. 48) complementa que, “O mundo patriarcal não promoveu o diálogo entre os gêneros que ele mesmo construiu. O patriarcado opressor sempre foi a verdadeira ideologia de gênero”. De forma muito natural, o corpo social consente com as premissas estipuladas e auxilia na propagação dessas ideias, mesmo que de forma inconsciente. É por esse motivo que, quando os atributos femininos ou masculinos fogem do considerado comum, à sociedade causa estranheza. Segundo Tiburi (2018, p. 63):

Se a masculinidade aparece em uma mulher, ela é rechaçada e criticada. (...) A feminilidade, por sua vez, é um caráter reservado às mulheres e, quando manifestada por homens, é tratada como um erro da natureza. O patriarcado depende da ideia de natureza que defenda a existência de apenas dois sexos, cujos comportamentos foram programados.

Contudo, a sociedade caminha, ainda que em pequenos passos, para uma direção contrária às normas tradicionais e revela um espaço aberto para novas narrativas em muitos ambientes, especialmente na área artística, como é o caso da literatura. Segundo Andruetto (2012, p. 54): “Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso”. Por esse motivo, nota-se a geração de obras literárias contemporâneas que trabalham a feminilidade e a masculinidade por outras formas, transmutando os conceitos pré-estabelecidos de feminino e masculino. Há, no entanto, a necessidade de se observar as narrativas infantis e o imaginário que se desencadeia. Segundo Andruetto (2012, p. 61):

O grande perigo que espreita a literatura infantil e a literatura juvenil no que diz respeito a sua categorização como literatura é justamente de se apresentar, a priori, como infantil ou como juvenil. O que pode haver de “para crianças” ou “para jovens” numa obra deve ser secundário e vir como acréscimo, porque a dificuldade de um texto capaz de agradar a leitores crianças ou jovens não provém tanto de sua adaptabilidade a um destinatário, mas, sobretudo, de sua qualidade, e porque quando falamos de escrita de qualquer tema ou gênero o substantivo é sempre mais importante que o adjetivo. De tudo o que tem a ver com a escrita, a especificidade de destino é o que mais exige um olhar alerta, pois é justamente ali que mais facilmente se aninham razões morais, políticas e de mercado.

Com isso, trabalhando essas novas visões sociais, se destrava um novo olhar para o clássico. O que podemos sublinhar de determinadas obras e suas narrativas? O que há para reconhecer nos trejeitos de seus personagens? Ainda que o propósito social não estivesse presente durante a escrita, é inegável o impacto que uma obra literária possui naquele que a lê. Quanto a isso, Andruetto (2012, p. 55) afirma que, “A obra de um escritor não pode ser definida por suas intenções, mas por seus resultados”. Resultados estes que dispõem do poder de moldar perspectivas sociais e pessoais, incorporando ou complementando ideias dentro do imaginário coletivo.

3.4 Personagens simbólicas

Apesar do enfoque em Wendy, personagem que dá nome ao primeiro título da obra, Peter Pan contempla outras três grandes personagens femininas que possuem papéis importantes tanto para o enredo quanto para a análise da representação da mulher na narrativa, são elas a Sra. Darling, Sininho e Princesa Tigrinha.

A Sra. Darling é a mãe de Wendy, João e Miguel e desde o início da história é retratada de forma especialmente cativante, como no trecho de sua apresentação caracterizada por Barrie (2012, p. 31): “Era uma moça encantadora, dona de uma mente romântica e de uma boca tão doce e debochada”. Nesta abertura, o autor também demonstra como a mulher é amável com as pessoas, em especial com o marido e os filhos. Segundo Silva (2012, p. 09): “A descrição da Sra. Darling é simplesmente adorável. Revela uma mulher ao mesmo tempo amorosa, paciente, prendada”.

Outra característica inicial da Sra. Darling é ser bastante organizada e cautelosa com as finanças da família, no entanto vemos isso mudar quando ao invés de fazer contas, ela começa a desenhar bebês e passa a pensar em todos os benefícios que pode proporcionar para as crianças que virão. Neste ponto, o Sr. Darling precisa intervir para que a vida financeira do casal não fosse afetada, o que corrobora com a visão social da época em que a obra foi escrita, tendo em vista que o amparo financeiro da família era sempre, ou na maioria das vezes, provido pelo pai ou marido. Segundo Marçal (2017, p. 37): “Os homens sempre tiveram permissão para agir em nome do interesse pessoal – tanto na economia quanto no sexo. Para as mulheres, essa liberdade é um tabu.” Na narrativa de Barrie, apesar dos esforços do Sr. Darling para conter os pensamentos de gastos da esposa, não demorou muito até que os três irmãos já fizessem parte da família.

É notável também a pureza e uma certa obediência da Sra. Darling pelo sutil comentário do narrador sobre a mesma ter se casado de branco, simbologia às mulheres castas e puras, e o seu contentamento em ser útil nas tarefas domésticas, conforme o trecho de Barrie (2012, p. 32): “A Sra. Darling casou-se de branco e, no início, anotava minuciosamente tudo o que gastava, quase com alegria, como se fosse uma brincadeira, sem deixar passar nem mesmo uma

folha de alface”. Naturalmente, essa representação expõe muito sobre a mulher do século 20, que segundo Friedan (2020, p. 39): “O mundo da mulher se restringia a seu corpo e cuidar de sua beleza, a seduzir os homens, gestar filhos, servir o marido e os filhos e cuidar deles e da casa”. Portanto, ao considerar a Sra. Darling, nota-se o arquétipo da boa moça, boa mãe e boa dona de casa., atribuições que eram indispensáveis em uma mulher nos séculos passados.

Segundo Silva (2012, p. 09): “A Sra. Darling era uma dona de casa exemplar, uma mãe super zelosa, uma mulher idealizada do início dos anos 1900”. E era essa idealização que moldava os notáveis desejos maternos de Wendy, que notava a mãe tão perfeita no lar, a fazendo suspirar por um marido presente, filhos para cuidar e uma casa para limpar. Silva (2012, p. 13) aponta: “Temos que lembrar que ela também é uma personagem criada no início do século XX, que obviamente não pensava em ser engenheira ou coisa parecida. Estava sendo criada para se casar e ter filhos...” O que, de fato, era uma conquista almejada pelas mulheres da época em questão, especialmente quando este pressuposto permaneceu reforçado de todas as formas possíveis por muito tempo. De acordo com Friedan (2020, p. 56):

Na década de 1950, não publicaram praticamente nenhum artigo a não ser aqueles que fossem de utilidade para uma dona de casa, ou que descrevessem as mulheres como donas de casa, ou que permitissem uma identificação puramente feminina (...).

Embora as divergências de mãe e filha com as demais personagens femininas secundárias da obra, há algo de similar entre todas elas: a paixão por Peter Pan. No caso da fada Sininho, o amor por Peter a instigava maus sentimentos, como ciúmes e fúria, ressaltando uma certa rivalidade feminina com Wendy, ao lutar pela atenção do garoto. Segundo Silva (2012, p. 18): “Apesar de armar um plano para eliminar Wendy, compreendemos que Sininho age porque ama Peter de maneira possessiva, como se ele fosse seu. E, ainda que este não seja um amor correspondido, ela tem total devoção a ele.” Além de reforçar essas premissas quanto ao feminino, a personagem tem um importante papel simbólico na narrativa infantil de Barrie, a de misticidade no imaginário coletivo. Silva (2012, p. 16) pontua:

Tudo o que aprendemos sobre fadas, aprendemos com James Barrie. Ele descreve com tanta propriedade que quase conseguimos vê-las. Quem poderia esquecer que a linguagem das fadas é como o tilintar de sinos de ouro? (...) E sabendo que elas podem morrer se não acreditarmos nelas, quem faria a bobagem de dizer que não acredita em fadas? (...) Estas invenções de Barrie, depois amplamente divulgadas pelo filme de Walt Disney, entraram de vez no imaginário coletivo.

Há também a personagem da Princesa Tigrinha, filha de um chefe indígena, que participa das batalhas com Gancho e os outros piratas. Apesar da quebra de estereótipos em uma princesa guerreira, Tigrinha é comumente salva por Peter Pan, em quem são depositados todos os atos heroicos da narrativa e nenhuma faísca de sentimento amoroso. De acordo com Silva (2012, p. 14): “Enquanto há três personagens femininas interessadas nele, Peter não parece ter desejo algum, por mulher alguma.” O que Peter nos demonstra, na verdade, é uma profunda necessidade de amor materno. Na narrativa, Barrie (2012, p. 149) expõe a história de Peter Pan:

- Wendy, você está errada em relação às mães.

Todos foram para perto dele, assustados, de tão alarmante que era sua agitação. E, com maravilhosa sinceridade, Peter revelou algo que até então havia escondido de todos.

- Há muito tempo – Disse ele –, eu, assim como você, achava que a minha mãe sempre ia deixar a janela aberta para mim. Por isso, fiquei longe de casa durante luas e mais luas, e depois voei de volta. Mas havia barras na janela, pois a mamãe havia se esquecido de mim. E tinha outro menininho dormindo na minha cama.

Eu não sei se isso é verdade, mas Peter achava que era.

Ao notarmos essa faceta do personagem, torna-se fácil compreender a condição em que este coloca Wendy como mulher, no papel de mãe dos meninos perdidos. Afinal, é essa função que Peter compreende (e precisa) das mulheres à sua volta. Segundo Silva (2012, p. 15):

Se escolhe levar Wendy para sua casa é porque ela gosta de brincar de mãe, porque gosta de costurar e, principalmente, porque sabe contar histórias. Mas quando Wendy quer brincar de ser mãe, desde que Peter seja o pai, ele se assusta e recua na brincadeira: “É só de faz de conta, não é, que eu sou o pai

deles?” Na verdade, para Peter, a maior qualidade de Wendy é saber contar histórias. Barrie a transforma numa Sherazade dos meninos perdidos. Então, ela é escolhida não só para brincar com Peter de “pai e mãe”, mas porque, noite após noite, saberá contar histórias para todos aqueles meninos órfãos.

Em contrapartida ao prestígio atribuído ao papel materno, o personagem Sr. Darling, pai de Wendy e seus dois irmãos, não recebe as mesmas honras. A figura masculina, neste caso, transparece sensações de insegurança, necessidade de controle e uma tentativa constante de se sentir amado e respeitado. Em certo ponto, o patriarca da família Darling enfatiza a necessidade de um homem se sentir como tal para ser superior. Em um episódio em que o filho mais novo, Miguel, fugia de tomar remédio por não apreciar o gosto, o Sr. Darling o repreende. Na narrativa, Barrie (2012, p. 48) destaca:

Se o Sr. Darling tinha uma fraqueza, era achar que havia passado a vida inteira tomando remédio sem reclamar; por isso, quando Miguel correu da colher que Naná carregava na boca, ele disse, em tom de bronca:

- Seja homem, Miguel.

O pressuposto de superioridade masculina é reforçado páginas depois por seu outro filho, João. Neste episódio, Barrie (2012, p. 102) nos apresenta o diálogo:

- Caracol – disse Peter em seu tom mais capitanesco –, mande esses meninos ajudarem na construção da casa.

- Sim, senhor.

- Construção da casa? – disse João.

- Para a Wendy. – disse Caracol.

- Para a Wendy? – disse João, escandalizado. – Ora, mas ela é só uma menina!

Adjunto ao pai das crianças, outra figura masculina adulta na obra é o vilão Capitão Gancho, que oferece dualidades em sua construção. Ainda que o personagem seja o vilão de toda a narrativa e contemple a caracterização de um pirata, Barrie quebra determinados estereótipos ao nos apresentar Gancho como uma pessoa sensível e preocupada com os bons modos. Ao longo da obra, o leitor se familiariza com as características do personagem, que esbanja certa

finura, educação com etiquetas sociais e uma bela aparência. Conforme Barrie (2012, p. 86) pontua:

O Capitão Gancho era moreno e cadavérico, e seu cabelo era cheio de cachos que, a uma certa distância, pareciam velas negras, e davam um ar ameaçador ao seu belo rosto. Seus olhos eram azuis como o miosótis e tinham uma expressão de profunda melancolia – a não ser quando ele estava enfiando o gancho em alguém, pois aí manchas vermelhas apareciam neles e os deixavam horrivelmente incandescentes.

Mesmo com seus terríveis feitos, o personagem vai ganhando forma em uma notável sensibilidade, o incômodo pelas peripécias de Peter Pan e um medo alarmante do crocodilo que tirou sua mão. Segundo Silva (2012, p. 21):

De repente, o temido Capitão Gancho começa a se revelar um personagem frágil. Um homem perseguido pelo perfeito uso dos bons modos, um pirata perseguido por um tic-tac sem fim. Um vilão com fragilidades, com medos. Isso talvez tenha sido algo inaugural no tempo de Barrie: revelar que um homem pode sentir medo.

Diante dessas premissas, é inevitável não se questionar sobre o imaginário levantado na obra de J. M. Barrie. Enquanto a figura feminina é edificada em cima de um papel materno, as figuras masculinas, em especial as adultas, sobressaem em meio a hesitações e vulnerabilidades. No meio dessa narrativa, Peter se mantém como o garoto que não queria crescer...

3.5 Para além da narrativa de J. M. Barrie

Ainda que a maioria das personagens inseridas na narrativa de J. M. Barrie vise os paradigmas validados no contexto histórico-social do século 19, é notável como os séculos subsequentes ficaram marcados por concepções advindas das vivências e premissas estabelecidas naquele período. Contudo, claramente observa-se mudanças e pequenos avanços no que tange os papéis de gênero, especialmente acerca do espaço ocupado pelo feminino, visto que as mulheres cada vez mais ocupam os territórios de trabalho e cargos de

liderança. Os positivos avanços, no entanto, ainda mascaram uma realidade severa pela cobrança do matrimônio, que dispõem à mulher a condição de esposa e, possivelmente, mãe.

Introduzidos no imaginário coletivo, os estereótipos de gênero permaneceram – e permanecem – sendo divulgados, em especial, por meio de recursos midiáticos. Segundo Friedan (2020), no desenvolver do século 20, os padrões sociais se refletiam como intrínsecos e o casamento, mesmo que não mais necessário para a sobrevivência da mulher em sociedade, continuava a ser incentivado em meio a alusões da esposa e do lar ideais. Em meio aos programas de entretenimento na televisão e artigos em revistas e jornais, o referimento aos antigos paradigmas estava presente. De acordo com Friedan (2020, p. 58):

Quando se escrevia sobre uma atriz para uma revista feminina, era preciso escrever sobre ela como dona de casa. Ela nunca era mostrada apreciando seu trabalho como atriz, a não ser que tivesse pago caro por isso perdendo o marido ou um filho, ou admitisse seu fracasso como mulher.

Ainda que a ideia de adentrar no mercado de trabalho tenha sido um passo à frente para as mulheres, o setor matrimonial ainda carecia de cuidados que, segundo a sociedade, somente a figura feminina poderia prover. Conforme Marçal (2017, p. 64) pontua: “A própria noção de uma carreira em tempo integral, porém, ainda é construída em torno da ajuda doméstica em tempo integral”. E, por isso, ao invés de dividir as tarefas do lar com o marido, a esposa era instigada a contratar uma ajudante doméstica para os cuidados com a casa e os filhos, repassando tais trabalhos para outra mulher, majoritariamente de menor classe social.

A ideia de que apenas o sexo feminino deve ser responsável pelas tarefas domésticas e, mesmo com os avanços séculos após séculos, esse pensamento se mantenha, prova que ainda estamos distantes de uma dita igualdade de gênero. Assim como na narrativa de James Barrie, é inegável os traços marcados ao feminino quanto ao papel social que lhe é imposto. Quanto ao homem, permanece a liberdade fora do lar, alheio aos trabalhos para com a casa e os filhos, o mundo externo lhe pertence e as aventuras são infinitas.

Por esse motivo, mesmo nos tempos contemporâneos, o enredo e os estereótipos inclusos nos personagens de James Barrie ainda se mostram populares, socialmente falando. Essas perspectivas ressoam ainda que depois de longos períodos, propagadas de forma sutil, porém convictas no imaginário da sociedade.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As análises demonstram a necessidade de assimilar as narrativas de obras literárias com os comportamentos sociais adquiridos e estabelecidos comunitariamente. Os estudos quanto às personagens do enredo de J. M. Barrie, apresentam noções dualistas, ora nos remetendo aos clássicos preceitos sociais da época, ora nos surpreendendo com novas abordagens.

No caso dos chamados Capitão Gancho e Princesa Tigrinha, ambos os personagens trazem papéis pouco convencionais a seus gêneros em questão, respectivamente, a sensibilidade ao masculino e a liderança ao feminino. Já entre as personagens femininas que marcam comportamentos estereotipados, estão a Sra. Darling e Wendy, que colocam sob perspectiva o arquétipo da boa esposa e boa dona do lar, caracterizações que eram comuns na contextualização social da época. Quanto às personagens masculinas, Peter Pan e o Sr. Darling demonstram falta de responsabilidade e um senso comum de que o homem deve prover a casa e se aventurar ao mundo.

Tais análises corroboram com as teorias de María Teresa Andruetto, em *Por uma literatura sem adjetivos* (2012), e Betty Friedan, em *A Mística Feminina* (2020), ambas utilizadas como obras referenciais para a pesquisa. Nesta primeira, a autora ressalta a importância da compreensão sobre as narrativas infantis e como moldam o pensar e o imaginário da criança, propiciando maior entendimento do mundo após adulto. Na segunda obra, Friedan expõe a realidade de vivências em meio aos estereótipos de gênero, em especial no início do século 20, enfatizando os papéis sociais a que o feminino e o masculino eram submetidos.

Para tanto, as análises teóricas e das personagens presentes na obra de Barrie, não só nos permitem avaliar a narrativa sobre o menino que não queria crescer com mais afinco, como também possibilita a compreensão e o debate

sobre modelos sociais que subsistem até os dias atuais, atuando muitas vezes como reflexo do passado.

Em especial no que se refere ao estereótipo feminino apresentado na obra, o papel da mulher em condição maternal permanece sendo cobrado e tido como referência para a idealização da “boa” mulher. Ressalta-se, no entanto, a corroboração com a autora Flávia Lins e Silva, comentarista em *Peter Pan* (2012), quanto ao olhar crítico e realista por sobre o contexto histórico do período em que a obra foi escrita, visando compreender as perspectivas das múltiplas personagens e o que seus comportamentos significavam para a época.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que o presente trabalho buscou analisar a representação de gênero na obra literária infantil *Peter Pan*, avaliando as características das personagens presentes na narrativa, conclui-se que o objetivo foi atingido, visto que foram observadas variações de representações nas personagens femininas e nas masculinas, contemplando papéis que demonstram um conceito tradicional para os valores da época em que a obra foi escrita, ao mesmo tempo em que apresenta personagens que escapam das regras sociais.

A narrativa de *Peter Pan* possibilitou o estudo dessas representações com forte peso no papel e nas relações sociais estipulados para o feminino e o masculino no século 19 e início do século 20, viabilizando o diálogo acerca das construções de gêneros, suas premissas históricas e a forma como se refletem atualmente.

As visões acerca do contexto histórico da obra interagem com um ponto importante da análise: a necessidade de estudar as narrativas com base naquilo que se vivia na época em que esta foi escrita. É de conhecimento público que as representações descritas na literatura possuem o poder de moldar o imaginário coletivo, mas a forma como o leitor absorve o conteúdo da obra também se faz pertinente e, por esse motivo, a necessidade da observação crítica é crucial para o processo de amadurecimento da leitura, a fim de ampliar as perspectivas sob essa visão.

Contudo, considera-se que a obra não se mantém apenas nas representações clássicas entre homem e mulher, mas que também trabalha considerações reflexivas acerca de determinados personagens e situações. James Barrie nos ofereceu uma grande obra cheia de encantos, fantasias e reflexões, as personagens ali presentes se tornam molduras para o pensamento de incontáveis crianças que se dispõem a acompanhar a leitura. Quem se permite compreender e dialogar sobre as raízes sociais que saltam da narrativa realiza, sem dúvidas, uma tentativa positiva de analisar e melhorar o mundo, a literatura e o imaginário coletivo.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARRIE, J. M. **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GUTIÉRREZ, R. **O feminismo é um humanismo**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1985.

MARÇAL, K. **O lado invisível da economia: uma visão feminista**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2017.

PERROT, M. **Histórias da vida privada: da revolução francesa a primeira guerra**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

REPRESENTAÇÃO. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 1220.

ROBLES, M. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph, 2019.

SILVA, F. L. Prefácio. In: BARRIE, J. M. **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.